

ACERCA DO HADES EM HESÍODO

Comparando o Hades de Hesíodo com o dos poemas homéricos, as diferenças encontradas são em pequeno número. Continua a descrever-se o seu reino como um palácio *εὐρώεις* (*O. et D.*, 153), os epítetos que o qualificam são ainda *ἡρώεις* (*Th.* 721) e *εὐρύς* (*Th.* 868). Como na *Ilíada*, o Tártaro é fechado por grandes portões metálicos e rodeado de muralhas (*σιδήρεαι πύλαι καὶ χάλκεος οὐδός* em *Θ*, 13-17, e *θύρας... χαλκείας, τεῖχος δὲ... ἀμφοτέρωθεν* em *Th.*, 733-4).

Em qualquer dos poemas se estabelece entre o Tártaro e o Hades uma diferença mais de situação e finalidade do que de aspecto, uma vez que ambos são lugares afastados, profundos, mergulhados na bruma e bolorentos. O primeiro é um sítio de castigo especial, destinado a deuses ou semi-deuses que ofenderam as divindades maiores, como se depreende da ameaça de Zeus nas linhas da *Ilíada* acima mencionadas e da descrição da *Teogonia* (1). A sua localização é marcada em *Θ* 13-17, a distância do Hades igual à que separa a terra do céu. Hesíodo precisa os termos através da famosa metáfora da bigorna de bronze, que levaria nove dias e nove noites a cair do céu à terra e outro tanto tempo desta ao Tártaro (717-725). Note-se que aqui se obliterou um dos termos de comparação — o Hades — de onde resulta uma simetria do conjunto mais acentuada.

Outro passo (2), contudo, elucida-nos sobre a posição relativa dos dois reinos das trevas. Em frente desse lugar longínquo eleva-se o palácio das duas divindades ctónias, guardado pelo cão terrível, ao

(1) Porém um passo do *Scutum* (254-5) confunde os dois lugares — ao contrário do que fazem os poemas habitualmente aceites como de Hesíodo.

(2) Em todas estas notas tomamos sempre o texto da *Teogonia* tal como ele nos foi transmitido, embora, como Wolf e Rzach, suspeitemos da autenticidade de 807-819. O que não vemos é razão suficiente para afirmar, como Jacoby e Mazon, que oito poetas diversos trabalharam aí.

qual não é dado nome (3). É o mesmo ponto onde se encontram o Dia e a Noite e onde Atlas sustenta o mundo nos braços.

Como Solmsen (4) e ao contrário de Jacoby (5), pensamos que não há aqui sombra de contradição, nem existe a necessidade de supormos que houve um poeta que colocou o mundo infernal por baixo da terra e outro que o situou, à maneira homérica, nos confins do Ocidente, porquanto as noções de Hades, Tártaro e trevas são afins e, em larga medida, equivalentes. Acresce que, mesmo ao tentar delinear uma cosmogonia enquadrada num sistema, Hesíodo não nos dá formas definitivas (6), e muito menos no passo que respeita ao Além, onde nunca as houve, nem na época mais racionalista, pois os helenos jamais estabeleceram doutrina de carácter religioso sobre o assunto.

Como elementos novos temos pois, até agora, uma localização mais precisa do Tártaro e do Hades. Mas há mais ainda: a entrada para a fortaleza, onde se encerram os titãs dominados, é um colo estreito, à volta do qual se difunde uma tríplice muralha de sombra (*ἀμφὶ δέ μιν ῥῆξ*) *τριστοιχέϊ κέχνηται περὶ δειρήν* (Th. 726-7). De um conhecido tópico das descrições do mundo subterrâneo — a escuridão — Hesíodo soube tirar uma imagem sugestiva, pela escolha do verbo e pela metáfora da muralha, não já de bronze, como anteriormente se dissera (726), mas do próprio mistério da sombra. Quanto ao nome atribuído à abertura — *δειρή* — não nos parece que ele seja usado para dar do conjunto a imagem de uma talha terminada por um gargalo estreito,

(3) Anteriormente, nos versos 310-312, Hesíodo descrevera Cérbero, «o cão de voz brônzea, com cinquenta cabeças, incansável e forte». É esta a primeira vez que o monstro recebe um nome, pois em Θ, 368 ele é apenas o *κύων Ἀΐδαιο*, assim como na *Odisseia*. Segundo J. Van den Gheyn, *Cerbère, Étude de Mythologie Comparée*, Bruxelles, 1883, o acolhimento dado no poema a esta lenda teratológica dever-se-ia à origem dórica do poeta, asserção que não é fácil provar, uma vez que o vate de Ascreia nos diz expressamente, em bem conhecido passo, que a sua família era de origem eólica (*O. et D.*, 635-640).

(4) F. Solmsen, *Chaos and «Apeiron»*. Estratto dagli *Studi Italiani di Filologia Classica*. N. S. Vol. xxiv, fasc. 3-4 (1950). Firenze, Felice Le Monnier, 1950.

(5) *Hesiodi Carmina recensuit Felix Jacoby. Pars I, Theogonia*. Berlin, 1930.

(6) Em absoluto concordamos com Solmsen, quando escreve (*o. l.*) «Hesiod is anything but a dogmatist. "Closed systems" had not yet come into fashion and the author of the Theogony is quite ready to correct himself».

como interpreta P. Mazon (7). Cremos que a palavra foi preferida ao habitual *στόμα* para indicar uma abertura estreita e comprida, de maneira a dificultar ainda mais o seu acesso. Aliás, o conjunto é descrito como *χάσμα μέγα* em 740. Outro pormenor novo e igualmente sugestivo é a tempestade que avassala esse lugar de castigo, e atira com as pessoas, sem as deixar atingir o fundo do abismo (8).

Pelo que toca ao Hades, temos a assinalar como novidade, além da presença de Cérbero à porta, já referida acima, a colocação do palácio de Styx, nas proximidades.

A mansão de Styx, ao contrário do que sucede com a da Noite e de seus filhos, e com o próprio palácio do Hades, é descrita com mais pormenor (9). Assim, declara-se que é sustentada por colunas de prata, que se erguem até ao céu, e abobadada com rochas elevadas. É também de altas e abruptas rochas que cai a água dos juramentos dos deuses. Nesta breve sugestão de um palácio fantástico, parece transparecer algo do sabor do conto popular, esse mesmo elemento folclórico que tem sido tão apreciado nos *Trabalhos e Dias*. A existência de rochas abruptas, porém, consta já do quadro estabelecido pela *Odisseia* e a própria *Iliada* se refere às *αἰπὰ ῥέεθρα* da água estígia em Θ 369.

Elemento novo na descrição seria ainda — a considerarmos autênticos os versos 807-819 — a notação do brilho das portas de bronze (*μαρμάρεαί τε πύλαι*, 811), a destacar-se na escuridão ambiente.

Estes são os dados que colhemos na leitura dos versos 717-819

(7) Hésiode, *Théogonie. Les Travaux et les Jours. Le Bouclier*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Collection des Universités de France, publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé. Paris, Les Belles Lettres, 1951.

(8) Aqui nota o Prof. Mazon que, se o autor fosse o mesmo do passo precedente, não deixaria de mostrar os titãs como joguetes dessa borrasca. Mas a isso se oporia, afigura-se-nos, o verso 718:

πέμψαν καὶ δεσμοῖσιν ἐν ἀργαλέοισιν ἔδησαν.

(9) O Prof. Mazon afirma que não há nenhuma relação entre esta Styx e a ninfa cuja história se havia narrado nos versos 383-403. Pela nossa parte, não conseguimos ver aqui nenhuma incompatibilidade. Nesse passo faz-se menção do palácio de Styx e da honra que Zeus lhe concedeu, transformando as suas águas em penhor do juramento dos deuses, e chamando os filhos da ninfa a habitar no Olimpo. Mas esse convite não foi extensivo à mãe, de modo que os dois desenvolvimentos do mito não se contrariam.

da *Teogonia*. Outras referências breves (10) ao mesmo assunto não fazem mais do que repetir tópicos comuns aos poemas homéricos.

O mesmo acontece com outras menções esparsas pelos *Trabalhos e Dias*. Há porém uma que merece a nossa especial atenção. É a do verso 153, no qual se afirma que a terceira geração de homens, criada por Zeus, partiu para o Hades:

βῆσαν ἐς εὐρώεντα δόμον κρυεροῦ Ἀΐδαο.

O Hades, sempre personificado (11) na *Iliada*, como já notou Monro (12), com excepção de Ψ 243-4, onde sem dúvida indica um lugar, é qualificado de καταχθόνιος (I, 457), de στυγερός (Θ, 368), ἀμείλιχος ἢ δ' ἀδάμαστος (I, 158), ἔχθιστος ἀπάντων (I, 159), κρατερός (N, 415), κλυτόπωλος (E, 564; Λ, 445; Π, 625) e πυλάστης (Θ, 367; N, 415), adjectivos que, ora aludem à sua situação, ora à sua natureza, ora apresentam um carácter descritivo, como é o caso do mencionado em último lugar.

Grande número destes epítetos é também usado por Hesíodo, bem como outros que exprimem ideias semelhantes. Por exemplo, a noção de inflexibilidade é dada pela expressão νηλεὲς ἦτορ ἔχων da *Teogonia*, 456. Porém aquele do verso 153 dos *Trabalhos e Dias*, ao qual estamos a referir-nos, é novidade.

O adjectivo κρυερός, -ά, -όν, derivado de κρύος (13) que significa *frio*, tem a particularidade, comum às formações com o mesmo sufixo, de poder ser empregado com valor activo ou passivo, e de assim servir para traduzir a ideia de «gelado» ou «que causa frio»; donde, em sentido figurado, «que produz calafrios ou terror». Segundo o dicionário de Liddell-Scott, é esta a única acepção em que ele é empregado nos poemas homéricos, onde não raro qualifica o medo (por exemplo, em N, 48). E sem dúvida o mesmo acontece ainda com este passo da *Teogonia*, 637:

ἄλκτιρ δ' ἀθανάτοισιν ἀρεῆς γένεο κρυεροῖο.

(10) Por exemplo, Th., 841, 868.

(11) O Hades personificado tem o seu lugar, evidentemente, na *Teogonia*, nas gerações dos deuses, 455-456.

(12) Homer, *The Iliad*. With an introduction, a brief Homeric Grammar and notes by D. B. Monro. Oxford, at the Clarendon Press, 2 vols.

(13) Esta palavra aparece duas vezes nos *Trabalhos e Dias*, nos versos 494 e 543, com referência à temperatura da estação do inverno.

No caso do verso 153 dos *Trabalhos e Dias*, que é o outro exemplo de emprego do termo em Hesíodo, parece-nos que o adjectivo deve participar a um tempo dos dois valores. Embora esteja a qualificar Ἰδῖος, e não δόμων, o seu sentido estende-se facilmente ao conjunto, dada a equivalência das expressões:

$$\epsilon\varsigma \delta\acute{o}\mu\omicron\nu \text{ Ἰδῖος} = \epsilon\varsigma \text{ Ἰδῖον} = \text{Ἰδῖόςδε}$$

Assim, podemos admitir que ele descreve δόμων, como sucede com Ἰδῖος πύλας, de Θ, 367. E, deste modo acontece com o caso paralelo de outra palavra de formação semelhante, embora constituída com um sufixo diferente: κρυόεις. Esta aparece na *Teogonia*, no verso 936:

$$\epsilon\nu \text{ πολέμῳ} \kappa\rho\upsilon\acute{o}\epsilon\nu\tau\iota \sigma\acute{\omicron}\nu \text{ Ἄρηι} \text{ πολυπόρθῳ}$$

num contexto que não deixa dúvidas sobre o sentido figurado a atribuir-lhe. O mesmo adjectivo se encontra em versos de um poema de autoria contestada, o *Escudo de Hércules*, 255:

$$\text{Τάρταρον} \epsilon\varsigma \kappa\rho\upsilon\acute{o}\epsilon\nu\theta' \dots\dots\dots (14)$$

É curioso que o Prof. Mazon, que traduziu os três exemplos precedentes por *frissonnant*, aqui preferiu escrever *glacé* (15). E, de facto, deve ser esse o valor de κρυόενθ' neste passo. Certamente o autor tinha nos ouvidos a expressão, consagrada desde Homero — se é que não estava já no formulário da técnica oral — εἰς Τάρταρον ἠερόεντα e recordava-se também do novo pormenor do verso dos *Trabalhos e Dias* — κρυερός. Partindo daí, fácil era dar ao Tártaro um novo epíteto, que participava simultaneamente da sonoridade do primeiro e do valor descritivo do segundo: κρυόεις.

Quer dizer, o autor do *Escudo de Hercules* deve ter interpretado o adjectivo na sua acepção fundamental. E, de facto, ela não estava deslocada ao lado da descrição da água de Styx, que é qualificada de ψυχρόν (Th. 786).

(14) A mesma expressão aparece repetida no fragmento órfico 222 Kern. Liddell-Scott citam este passo entre os exemplos mais tardios, em que a palavra se emprega no sentido literal. Mais um caso de imitações de Hesíodo pelos «órficos»?

(15) Também Lehrs, tradutor de Hesíodo na colecção Firmin-Didot, empregou, respectivamente, *horribilis* e *frigidus*.

Acresce que a concepção de um inferno gelado não era estranha aos antigos, pois há exemplos dele entre os povos celtas (16). E, pelo contrário, a noção de calor não surge senão muito mais tardiamente. Embora haja referências ao Pyriphlegethon já em *K*, e depois noutros autores, às tochas das Erínias, ou ainda à natureza ígnea de demónios (17), como os do mito de Er-o-Arménio, no Livro X da *República* de Platão, o certo é que a ideia de abrasar os infernos faz a sua aparição na Literatura Grega, até onde podemos saber, com um estrangeiro — o sírio Luciano (18).

De um modo geral, pode afirmar-se, como nos sugeriu um dia o Prof. E. R. Dodds, que as características do Hades primitivo são as mesmas do túmulo: escuridão, abandono, bolor. Apenas se lhe acrescenta a de vastidão, cuja necessidade era evidente. A de frio, que supomos ter sido notada, pela primeira vez, entre os gregos, por Hesíodo, deve derivar da mesma origem das outras. Essa tinha a vantagem de evocar, a par de uma sensação, um sentimento também, dado o duplo valor da palavra que a traduzia. Contudo, o exemplo não foi mais seguido pelos outros autores, com excepção do «órfico», que acima citámos e daquele que, imitando o poeta ascreio, escreveu o «Escudo de Hércules».

MARIA HELENA ROCHA PEREIRA

(16) Sobre isso leia-se J. Vendryes, *L'enfer glacé*, in *Revue Celtique*, Paris, 1929, vol. XLVI, págs. 134-142.

(17) Também Plutarco fala, num dos seus mitos, de ilhas incandescentes (*De genio Socratis*, 590 C), mas aí trata-se de uma mansão de beatitude. O fogo é tomado como um elemento purificador, especialmente pelos pitagóricos, e como tal pode ser aplicado nos castigos (cfr. o mesmo Plutarco, *De sera numinis vindicta*, 567 C ou o Pseudo-Platão, *Axiochus*, 372) mas parece ter começado por ser característico dos lugares de eleição, pelo seu brilho.

(18) *Verae Historiae*, II, 30 seqq.